



Bolsas	Pontuação B3	Dólar	Salário mínimo	Euro	CDI	CDB	Inflação
Na quarta-feira	IBovespa nos últimos dias	Na quarta-feira	Últimos	Comercial, venda na quarta-feira	Ao ano	Prefixado 30 dias (ao ano)	IPCA do IBGE (em %)
1,52% São Paulo	0,02% Nova York	178.859	R\$ 5,206 (Estável)	R\$ 1.621	R\$ 6,218	14,90%	14,84%
	23/1 26/1 27/1 28/1	22/janeiro 23/janeiro 26/janeiro 27/janeiro	5,284 5,286 5,279 5,206				Agosto/2025 -0,11 Setembro/2025 0,48 Outubro/2025 0,09 Novembro/2025 0,18 Dezembro/2025 0,33

POLÍTICA MONETÁRIA

BC e FED mantêm juros com sinalização de queda

Bancos centrais do Brasil e dos Estados Unidos decidem manter inalteradas as respectivas taxas básicas por causa do cenário de incertezas da economia mundial, mas indicam que o ciclo de alta deve começar a ser revertido nas próximas reuniões

» RAPHAEL PATI

Na primeira “superquarta” do ano, a cautela ainda foi a palavra de ordem. Em dia marcado por decisões de juros tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos, o ambiente de incertezas na economia e na geopolítica, sobretudo em relação às ameaças do presidente norte-americano Donald Trump de conquistar novos territórios, fizeram com que ambos os bancos centrais decidissem manter inalterados os principais instrumentos da política monetária.

No Brasil, o Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central decidiu manter pela 5ª vez consecutiva a taxa Selic em 15% ao ano, o que representa o maior patamar dos juros desde 2006. O nível da taxa nominal permanece inalterado desde a reunião de junho, após o Copom elevar os juros em mais de 3 pontos percentuais em menos de seis meses, em meio a temores mais fortes do mercado sobre o cenário fiscal interno e os conflitos geopolíticos.

No comunicado publicado após a reunião, os diretores apontam que o cenário ainda é marcado por uma “elevada incerteza”, que exige uma cautela maior na condução da política monetária. “O Comitê avalia que a estratégia em curso tem se mostrado adequada para assegurar a convergência da inflação à meta. Em ambiente de inflação menor e transmissão da política monetária mais evidentes, a estratégia envolve calibração do nível de juros”, destaca.

Apesar da manutenção do tom duro em relação ao futuro, o Copom sinalizou, pela primeira vez — e de maneira mais enfática — que pode iniciar o processo de corte dos juros na próxima reunião, se confirmadas as expectativas dos diretores em relação ao cenário atual. A indicação feita pelo BC corrobora a maior parte das expectativas do mercado financeiro, que previa o início da queda da Selic em março. O comitê reforça, ainda, que manterá uma “restrição adequada” para levar à frente o objetivo de trazer a inflação à meta.



O BC deveria ter iniciado o ciclo de redução dos juros há muito tempo. Ao manter a Selic em nível insustentável, o Copom prejudica a economia, aprofundando a desaceleração do crescimento. É indispensável que a flexibilização da política monetária comece já na próxima reunião”

Ricardo Alban,
presidente da CNI

“O compromisso com a meta impõe serenidade quanto ao ritmo e à magnitude do ciclo, que dependerão da evolução de fatores que permitam maior confiança no atingimento da meta para a inflação no horizonte relevante para a condução da política monetária”, acrescenta o BC, em comunicado. O próximo encontro do Copom está marcado para os dias 17 e 18 de março.

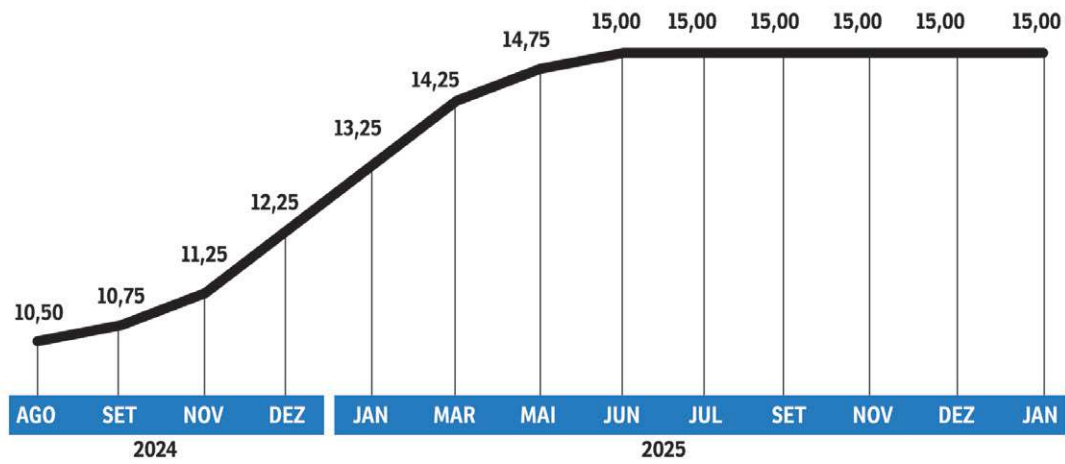
Ainda no comunicado divulgado ontem, o comitê destaca que a conjuntura e a política econômica nos Estados Unidos mantêm o ambiente externo conturbado e as incertezas com relação às condições financeiras de outros países. Além disso, no cenário doméstico, os indicadores seguem apresentando uma trajetória de moderação no crescimento da atividade econômica, o que já era esperado pelo BC com as taxas de juros mais altas. Mesmo assim, os diretores avaliam que os riscos para a inflação — tanto de alta quanto de baixa — ainda permanecem elevados.

Platô de juros

Taxa Selic segue no patamar elevado de 15% ao ano — o maior em quase 20 anos —, mas o Copom sinaliza uma possível queda em março.



TAXA BÁSICA DE JUROS — HISTÓRICO (EM %)



Fonte: Banco Central do Brasil

Juros ‘insustentáveis’

Após a decisão do Copom, a Confederação Nacional da Indústria (CNI) expressou novamente preocupação com a manutenção da taxa básica de juros atual. Na visão da entidade, a cautela, defendida pelo BC, “ignora” a trajetória de queda da inflação e os danos que a Selic a 15% causam à população. “O Banco Central deveria ter iniciado o ciclo de redução dos juros há muito tempo. Ao manter a Selic em nível insustentável, o Copom prejudica a economia, aprofundando a desaceleração do crescimento. É indispensável que a flexibilização da política monetária comece já na próxima reunião”, defende o presidente da CNI, Ricardo Alban.

Uma projeção feita pela própria entidade destaca que, no patamar atual, a taxa de juros real — que desconta a inflação corrente e está em 10,5% — está 5,5% acima da chamada taxa de juros neutra, que não estimula nem desestimula o crescimento econômico. Diante disso, a CNI acredita que a Selic deveria estar próxima de 10,3% ao ano, ao considerar a inflação acumulada dos últimos 12 meses.

Para o presidente da Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (Fiemg), Flávio Roscoe, a manutenção da taxa atual tende a prolongar os efeitos adversos na economia, com restrição a investimentos, custo de crédito e produção mais elevados, além da perda da competitividade da indústria

brasileira. “É necessário uma política monetária mais equilibrada, que consiga conciliar o controle da inflação com o estímulo ao desenvolvimento econômico e ao fortalecimento da competitividade da indústria nacional”, comentou.

Sobre o comunicado do Copom, o economista chefe do Banco Daycoval, Rafael Cardoso, explica que houve poucas mudanças em relação ao último documento. Diante disso, a sinalização de uma possível queda na próxima reunião foi uma das poucas mudanças no texto divulgado ontem. “Essa sinalização veio acompanhada de termos em que ele (Copom) fala que vai ser sereno, tanto no ritmo quanto na magnitude, dando uma ideia de algum certo

conservadorismo”, considera.

Cardoso avalia que ficou surpreso com a decisão do BC de incluir uma sinalização no comunicado sobre a abertura para um corte na taxa atual, um passo além daquele que a gente imaginava que seria dado. “O principal argumento do Banco Central de que a inflação corrente cedeu diz muito mais respeito ao passado do que ao futuro. Então, dado que o diagnóstico permaneceu de lá pra cá, a gente acha que o Banco Central deu um passo um pouco maior do que aquele que a gente imaginava”, acrescenta o especialista.

Já o doutor em economia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) Benito Salomão destaca que a taxa real, que desconta a inflação, está muito acima do que seria ideal para a atividade econômica, e que o BC já poderia ter reduzido os juros nesta reunião. “Eu sou da opinião de que é possível produzir essa convergência (da inflação à meta) com credibilidade e reputação, com um grau de contração da política monetária mais baixa”, pontua.

Ameaças no EUA

Nos Estados Unidos, o Comitê de Mercado Aberto (Fomc, na sigla em inglês) do Federal Reserve (Fed) — o banco central do país — decidiu manter a taxa atual na banda de 3,5% a 3,75%. O presidente do Fed, Jerome Powell disse que o setor imobiliário continua fraco, apesar de outros indicadores sinalizarem um crescimento mais “sólido” da atividade econômica. “O consumo tem se mostrado resiliente e o investimento fixo empresarial continuou crescendo”, avaliou.

Além disso, a decisão do Fed é considerada uma resposta à pressão do presidente Donald Trump sobre os juros, que já chegou a fazer críticas mais severas ao chairman do banco central norte-americano. Recentemente, Powell quebrou o silêncio e disse estar sendo vítima de uma “perseguição judicial” do chefe do Executivo e classificou a investigação aberta contra ele próprio como “sem precedentes”.

» Presidente da Caixa em NY

O presidente da Caixa, Carlos Vieira, representa o banco em uma série de eventos em Nova York com investidores e agentes do mercado financeiro. Hoje, Vieira participa como painelistas do LatAm Capital Markets Summit 2026, na Bolsa de Valores. O painel discutirá o papel fundamental dos bancos na mobilização de capital para fortalecer a resiliência regional. O LatAm Capital Markets Summit 2026, organizado pela LatinFinance, é um evento anual que reúne investidores e instituições da América Latina e Caribe com financiadores.

Ouro e ações dispararam na superquarta

» PEDRO JOSE*

A chamada “superquarta” concentrou as atenções dos investidores, atentos às reuniões dos bancos centrais do Brasil e dos Estados Unidos para definir as taxas de juros que vão valer para as próximas semanas. Os mercados refletiram a expectativa pela manutenção das taxas nos dois países. O Ibovespa encerrou a sessão de ontem em alta pelo terceiro pregão consecutivo, com avanço de 1,52% em relação ao dia anterior, e alcançou 184.691 pontos, renovando o recorde nominal do índice. O movimento ocorreu em meio à atenção do mercado às decisões de política monetária no Brasil e nos Estados Unidos.

O dólar fechou sem variação, cotado a R\$ 5,206, o mesmo valor registrado na véspera. Ao longo do

pregão, a moeda norte-americana chegou a atingir a mínima de R\$ 5,1716, mas ganhou fôlego perto do encerramento. O economista-chefe da Western Asset, Adauto Lima, afirma que a apreciação do real é fruto da desvalorização global do dólar, insuflada por, basicamente, três fatores: a política econômica e comercial errática de Donald Trump, o aumento das incertezas sobre a condução da política monetária após a saída de Powell do Fed e um movimento de diversificação de carteiras com redução de exposição a ativos americanos.

“A desvalorização do dólar é global. Não é um movimento idiossincrático. O real tem uma performance um pouco melhor pela questão do diferencial de juros e porque o Brasil é exportador

pixabay.com



Ibovespa renova recorde de alta pela terceira vez na semana

de commodities metálicas, que tiveram um aumento expressivo de preços”, avalia Lima.

O ouro, por sua vez, fechou em alta e superou, pela primeira vez, a marca de US\$ 5.300 por onça-troy (medida padrão do metal). O metal registrou a sétima sessão consecutiva de valorização, em um cenário de incertezas econômicas e geopolíticas e de expectativa em torno da política monetária dos Estados Unidos.

Na Comex, divisão de metais da bolsa de Nova York (Nymex), o contrato do ouro para fevereiro encerrou o dia com alta de 4,35%, cotado a US\$ 5.303,60 por onça-troy. Durante o pregão, o ativo atingiu a máxima de US\$ 5.323,40.

*Estagiário sob a supervisão de Vinícius Dória